

A cadeira do dentista

e outras crônicas

PARA GOSTAR DE LER 15

A cadeira do dentista

e outras crônicas

CARLOS EDUARDO NOVAES

Ilustrações
Roberto Negreiros

ea
editora ática

Este livro apresenta os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

A cadeira do dentista e outras crônicas

© Carlos Eduardo Novaes, 1994

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmen Lucia Campos
Colaboração na redação de textos	Malu Rangel
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida

ARTE

Projeto gráfico	Jiro Takahashi
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Studio 3 Desenvolvimento Editorial
	Eduardo Rodrigues
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N814c
8.ed.

Novaes, Carlos Eduardo, 1940-

A cadeira do dentista e outras crônicas / Carlos Eduardo
Novaes ; ilustrador Roberto Negreiros. - 8.ed. - São Paulo :
Ática, 2002.

144p. : il. -(Para Gostar de Ler ; v.15)

Inclui apêndice

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-08316-9

I. Humorismo infantojuvenil brasileiro. I. Negreiros,
Roberto, 1955-. II. Título. III. Série.

10-0514.

CDD 028.5
CDD 087.5

ISBN 978 85 08 08316-9 (aluno)

ISBN 978 85 08 08317-6 (professor)

2013

8ª edição

14ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário



A laranja da crônica	7
O Estripador de Laranjeiras.....	11
Essas mães maravilhosas e suas máquinas infantis	18
Titia em apuros	22
Vida de acompanhante.....	26
Por que no lugar do boi...?	32
A idade da pedra.....	36
O massacre da peruca	41
O outro	45
A informação veste hoje o homem de amanhã	49
A cadeira do dentista	53
A falta de senso do censo	56
O rei de Noveorqui.....	61
Amarrem os cintos e não fumem	68
A regreção da redassão	72
Em busca do ouro	79
O marreco que pagou o pato	84
Meu primeiro assalto	89
Os filhos dos descasados	93
Férias no Rio	97
Ser filho é padecer no purgatório	102
Belle de jour	108
Ms Allegro (ma non troppo).....	114
Concerto em sol menor	119
Do pincel à bomba	124
A novela conjugal	129
Conhecendo o autor	133
Referências bibliográficas	137

A laranja da crônica

Carlos Eduardo Novaes

São 25 crônicas que virão a seguir, escolhidas e selecionadas, como frutas para exportação, na plantação de textos do meu latifúndio literário (24 livros).

O pomar da literatura, vocês sabem, é composto de diferentes espécies: a poesia, que, pela sua delicadeza, comparo à uva; o romance, que, pela sua densidade, me lembra uma jaca (não dá para comer toda de uma vez e se presta muito para fazer doces e filmes); o conto, que, para ter qualidade, precisa ser redondo como uma lima; a novela, que, a meio caminho entre o conto e o romance, poderia ser um melão; e a crônica, que, pela variedade e popularidade, equivale à laranja.

O conto e a crônica, como se vê, são parecidos e às vezes até confundidos sob um olhar apressado. O conto, como a lima, tem a casca mais fina e pode ser mais agradável a um paladar delicado. A crônica, casca mais grossa, não requer tantos cuidados para frutificar. Cresce até em publicações periódicas, como jornais e revistas, mas nem por isso seu valor nutritivo é menor: contém

todas as vitaminas necessárias à formação de um leitor.

As crônicas, como as laranjas podem ser doces ou azedas; consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona de casa, ou virar suco, espremidas nas salas de aula.

Para quem está começando agora a percorrer os caminhos desse delicioso pomar, devo dizer que as duas dúzias de crônicas que estou oferecendo (vai mais uma de “quebra”) são azedinhas, muito cítricas (ou críticas), mas, espero, bastante saborosas. Faço votos que vocês se deliciem com elas, que lhes matem a sede de leitura e — último aviso — não esqueçam de cuspir os caroços.

A cadeira do dentista

e outras crônicas

O Estripador de Laranjeiras

As pessoas estão com medo. Expressões tensas, gestos nervosos, olhares desconfiados, todos à beira do pânico. Uma simples faísca pode provocar a explosão.

Constatei esse clima uma tarde quando saí de casa para comprar pão. Parado na porta da padaria, já com os dois pãezinhos debaixo do braço, num momento de bobeira, acendi um cigarro, olhei o tempo e procurei pelas horas. Não havia relógio à minha volta. Vi uma senhora caminhando apressada pela calçada, bolsa apertada contra o peito. Aproximei-me, sem ser visto, e toquei de leve no seu ombro. A mulher virou-se e deu um berro monumental:

— UAAAAIIIIII! — e saiu correndo.

Precipitou-se uma reação em cadeia. A mulher correu para um lado, eu, sem saber do que se tratava, corri para o outro, o jornaleiro se abaixou atrás da banca, o empregado da padaria arriou rápido a porta de ferro, o guarda de trânsito, de um salto, escondeu-se atrás de um carro, algumas pessoas correram em busca de proteção e alguém gritou: “Pega ladrão”. Ouvei o grito no meio da corrida, parei de estalo e olhei para os lados querendo saber em que direção ia o ladrão (naturalmente para tomar a direção oposta). Ao parar, observei um grupo a uns 30 metros de distância correndo na minha direção aos berros de “pega ladrão”. Recomecei a correr e, por via das dúvidas, passei a gritar também “pega ladrão”.

Será que o ladrão sou eu? — pensei enquanto corria. A turba que vinha atrás de mim mostrava-se enfurecida de-

mais para ouvir explicações. Dobrei a rua na disparada, vi um caminhão da PM estacionado e tratei de entrar no edifício onde mora um amigo meu, Rubem, médico homeopata.

— Que houve? — perguntou ele, ao me ver ofegante, com cara de raposa, aquela raposa perseguida nos campos ingleses por cachorros perdigueiros e cavaleiros de casacos vermelhos.

— Não sei, Rubem. Acho que estão perseguindo um assaltante aí na rua. Eu tô com medo. Posso ficar um pouco aqui em sua casa?

— Claro, claro. Fique à vontade. Eu já estava saindo. Vou lá no orelhão dar uns telefonemas. Talvez me demore. Você, por favor, não faça barulho que mamãe chegou agora da rua, foi dormir um pouquinho. Ela anda muito tensa com essa onda de assaltos, você sabe...

Rubem desceu. Dei um tempo para recuperar a respiração normal e fui até a janela ver se já haviam apanhado o ladrão. Quando abri a janela e meti a cara, lembrei-me do Papa em suas aparições na sacada da Basílica de São Pedro. Havia uma multidão na rua, que ao me ver começou a gritar:

— Olha ele lá!

— Tá lá o assaltante! — gritavam, apontando para mim.

— Pega! Já invadiu um apartamento! Pega!

Quer dizer que o ladrão sou eu? Permaneci alguns segundos sem entender, depois passei a gritar para a turba lá embaixo, gesticulando:

— Não! Não sou eu, não! Eu não! Deve haver algum engano!

A turba não ouvia. Gritava e babava de ódio. Afastei-me da janela pensando em como me explicar melhor. Sem querer, esbarrei num vaso em cima de uma cristaleira. O vaso se esborrachou no chão com grande estardalhaço. Curvei-me em silêncio para catar os cacos e ouvi uma voz feminina atrás de mim:

— Rubem?

Quando me virei, a senhora fez uma expressão de pavor e correu para a janela aos berros:



— Socorro! Socorro! Me salvem! Ele me seguiu até aqui! Quer me matar com um caco de vidro!

Tentei me explicar. A senhora, em estado de choque, não ouvia nada:

— Ele vai me matar! Ele vai me matar! — uivava, debruçando-se na janela.

Que loucura! Antes de mais nada, pensei, tenho que tirar essa velha doída da janela. Aproximei-me, tapei-lhe a boca e puxei-a para dentro. Naturalmente, fui visto pela multidão lá embaixo, que, diante da cena, passou a entoar um novo coro:

— Olha lá! Olha lá! Ele vai matar a velha!

— É o tarado da Gago Coutinho! Só ataca velhas!

— Peguem o assassino!

— Peguem o Estripador de Laranjeiras!

A essa altura havia milhares de pessoas na rua. A PM, que pedira reforços, passou um cordão de isolamento diante do prédio e já contava com apoio da Polícia do Exército, do Corpo de Bombeiros, dos Fuzileiros Navais. Alguns helicópteros sobrevoavam o edifício. Dentro do apartamento, eu rolava pelo chão numa luta corporal com a velha. Como não sossegasse, fui obrigado a lhe aplicar um golpe de caratê para que desmaiasse. Depois, ao acordar eu daria as explicações necessárias e pediria desculpas. Levantei-me, deixando a senhora com as vestes rasgadas estirada no tapete. Ouvei, então, uma voz vindo da rua através de um alto-falante:

— Atenção! Atenção, Estripador de Laranjeiras, se você não sair, nós vamos entrar! Deixe suas armas e saia pela portaria principal com as mãos sobre a cabeça! Atenção, Estripador, você tem cinco minutos para sair!

Juro que não sabia o que fazer. Olhei à volta. Minhas armas eram dois pãezinhos franceses. Tinha saído para comprar pão e só porque a população da cidade está tensa já virei o Estripador de Laranjeiras. Onde está o Rubem que não chega? Rubem, atrás do cordão de isolamento, discutia com o coronel-chefe da Operação Estripador.